

ALDEIAS COMUNAIS (7)

# Chivonguene:



CRESCU MAIS

— O centro de Chivonguene e suas infra-estruturas. À direita, o pavilhão do Centro de Comunicação. À esquerda, o posto de saúde, a caserna dos milicianos, o Conselho Executivo

Texto de Noé Male  
Fotos de José Flores

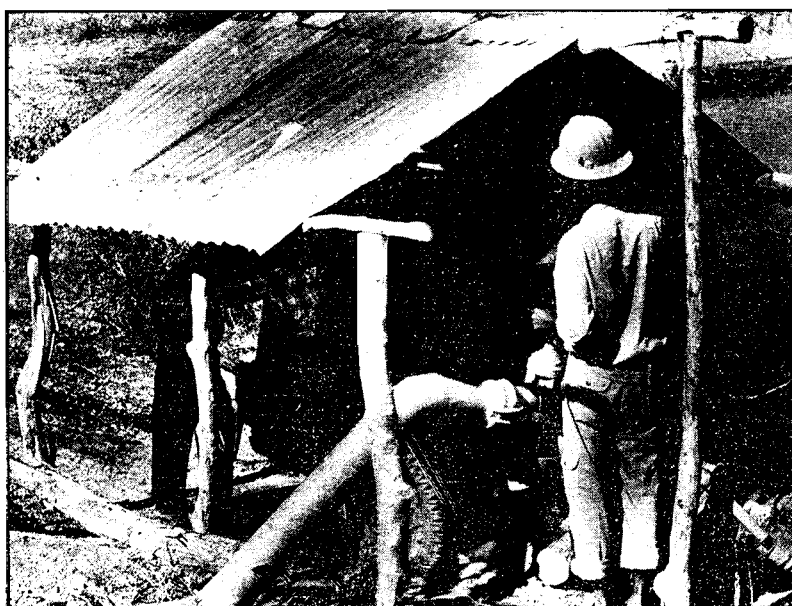
A Aldeia Comunal de Chivonguene, entre outras três paralelas ao vale do rio Limpopo, no Distrito de Guijá, em Gaza, foi criada em Março de 1977, em resultado das cheias. No fim daquele ano tinha 7 mil habitantes. Agora tem mais de 8 mil e continua a receber famílias que ainda vivem dispersas. Chivonguene cresceu muito nestes últimos anos.

A aldeia tem cinco bairros, divididos nos dois lados de um enorme espaço aberto de solo arenoso, de mais de quinhentos metros de comprimento, onde a população reúne-se na sombra das árvores.

No centro deste espaço aberto, enfileiram-se as infra-estruturas de Chivonguene: O Conselho Executivo, a caserna dos milicianos, o posto de saúde, o recém-construído pavilhão de alvenaria do Centro de Comunicação Social com sua torre de altifalantes e uma das duas cooperativas de consumo que nes-

te ano também terá uma sede de alvenaria.

A Cooperativa Agrícola de Chivonguene foi fundada em 1982, numa área de 140 hectares, junto ao rio, que pertencia à machamba colectiva da aldeia. Tem 110 cooperativistas divididos em dois grupos que trabalham alternadamente. O primeiro grupo trabalha nas segundas e terças-feiras, o outro nas quartas e quintas. Nas sextas e sábados trabalham juntos. O presidente da cooperativa, João Sono, de 44 anos, fala das perspectivas da produção:



A moto-bomba da cooperativa irriga 50 hectares

— No ano passado não colhemos o que esperávamos devido à avaria da moto-bomba e falta de gás-óleo. Só conseguimos produzir batatas. Agora temos a moto-bomba em funcionamento, com a capacidade de irrigar 50 hectares, e se continuarmos tendo gás-óleo o resultado da produção será razoável apesar da seca. Nesta época já semeamos oito hectares com feijão, nove com milho, três com hortícolas. Acabamos de receber treze sacos de milho do distrito para semear na área desocupada.

Segundo João Sono, os camponeses sentem-se mais motivados para trabalhar na cooperativa do que nas suas machambas familiares:

— Aqui temos a moto-bomba que garante um mínimo de produção enquanto os outros dependem das chuvas que não vêm. Já dispomos de mais de um milhão de meticais no banco e vamos comprar charruas e três bois para substituir os que tínhamos e morreram doentes. Neste mês dividimos o

dinheiro pela primeira vez. Cada cooperativista vai receber 50 meticais por dia que trabalhou durante o ano.

## COOPERATIVISTAS NA ALFABETIZAÇÃO

O trabalho na machamba começa às 6 horas e termina às 11.30 quando todos os cooperativistas reúnem-se nos bancos de troncos, na sombra de uma árvore, para as aulas de alfabetização. Ezequiel Machava, de 20 anos, o alfabetizador, diz que apesar da maioria dos cooperativistas ser pessoas de mais de trinta anos, a participação nas aulas é boa, principalmente entre as mulheres.

— Entendem que o organismo é que envelhece e não o cérebro. Acho que a maioria vai ser aprovada. Já sabem escrever as coisas simples e devagar chegaremos onde queremos. Mais de 50 rativistas assistem diariamente às aulas.

A primeira cooperativa de consumo de Chivonguene foi criada em 1978. Cada sócio pagava 50 meticais pela inscrição. Agora, por orientação do distrito, paga-se 600 meticais por família. A cooperativa tem 2750 sócios — contando com os familiares —, moradores dos quatro primeiros bairros. Moisés Cuinica, encarregado do posto de venda, uma construção tradicional cercada por charruas que são vendidas a 3 mil meticais e que em breve será substituída, explica:

— Os produtos que recebemos não chegam para abastecer todos os sócios. Temos dado um jeito distribuindo rotativamente e além disso ainda apoiamos com géneros os recém-chegados à aldeia, até que suas machambas comecem a produzir. Já temos cimento para a construção do novo posto de venda, em breve começaremos a fazer blocos, e esperamos que, no futuro, o abastecimento melhore para podermos satisfazer minimamente os cooperativistas.



Salvador Mbenzane, Secretário do Partido em Chivonguene e seu primeiro morador



Posto de Sauae: falta equipamento e uma cama



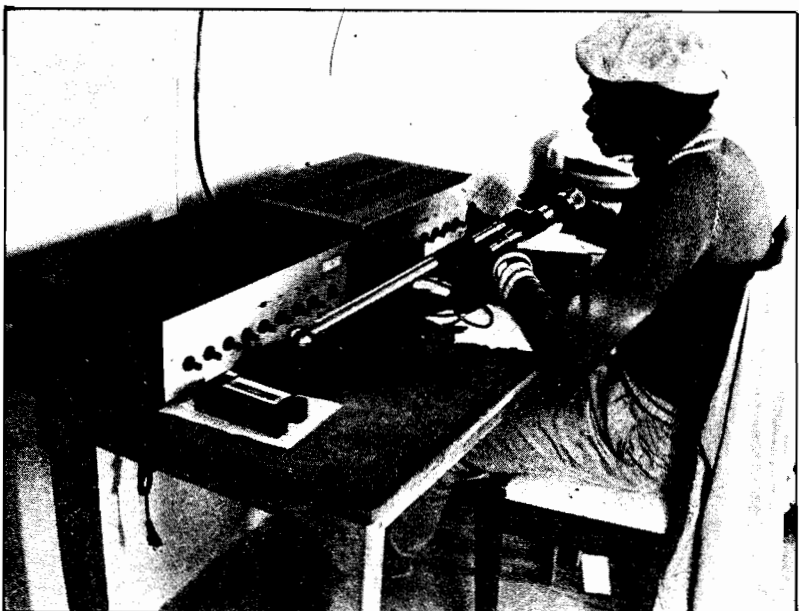
Os 110 cooperativistas da aldeia trabalham divididos em dois grupos



João Sono, Presidente da Cooperativa Agrícola: «As pessoas estão mais motivadas para trabalhar aqui»



Milicianos: uma vigilância permanente em volta da aldeia



Música e notícias da aldeia das 5 às 7 e das 15 às 17 horas



O abastecimento para a cooperativa de consumo não espera pelos camiões

A segunda cooperativa de consumo da aldeia fica no quinto bairro, o mais recente. Além de servir aos seus sócios, distribui mensalmente à população que vive dispersa ao norte, as quotas que as cantinas que abasteciam-na recebem e não conseguem levar até lá. Os cantineiros combinam a data de venda com os secretários das suas zonas e estes organizam a população para ir à Chivonguene.

O Centro de saúde de Chivonguene, ao lado da primeira cooperativa de consumo, tem dois agentes polivalentes. Funciona das 7 horas às 12 e das 14 às 17. A agente polivalente Vitória Damiano dá mais pormenores:

— Atendemos geralmente casos

de pequenos ferimentos, paludismo, diarreia e outras doenças ligeiras. Temos falta de recipientes para ferver o material de injeção e de uma cama para os nossos doentes.

#### TRÊS ESCOLAS COM 1200 ALUNOS

A aldeia tem três escolas com 1200 alunos e 21 professores. A escola do terceiro bairro é formada por seis salas de aulas: cercados feitos de caniço, alguns cobertos com zinco, outros com palha ou sem cobertura, junto aos cajueiros no centro do bairro. O director da escola, João Mário, de 24 anos, fala do seu funcionamento:

— Temos 420 alunos distribuídos

em nove turmas, de pré à 4.ª classe, com aulas nos dois turnos. A maior dificuldade é a falta de quadros pretos. Temos apenas um para todas as turmas. Também faltam casas para os professores mas a direcção do bairro está a construir.

O Centro de Comunicação Social



Às 11.30 os cooperativistas largam o trabalho e reúnem-se para a alfabetização



Últimos arranjos para a inauguração do Centro de Comunicação Social da Aldeia

da aldeia, entre a caserna dos milicianos e o posto de saúde, foi inaugurado pelo primeiro secretário do Partido e administrador de Guijá, no dia 25 Junho, numa grande festa com a apresentação de actividades culturais dos aldeões, música e cerveja. Santos Sebastião Zita, de 20 anos, programador do Centro e correspondente popular, esclarece que o pavilhão foi construído pela população e que o distrito apoiou com material.

— Ainda falta cimento para o chão e janelas mas já estamos quase em condições de concluir o trabalho. O Centro funciona das 5 às 7 e das 15 às 17 horas. Na inauguração fizemos a nossa primeira projecção de cinema, com o documentário «Operação Leopardo».

Salina Vasco Zita, de 21 anos, chefe do Centro, foi um dos cinco jovens escolhidos para direcção da

aldeia para esta tarefa. Conta:

— Fizemos um curso de sessenta dias na Aldeia Comunal 3 de Fevereiro, em Gaza, para aprender elaborar programas. Tivemos também aulas de electrotécnica e aprendemos a recolher informações para enviá-los para a nossa sede em Maputo, além de difundi-las aqui nos nossos altifalantes.

Salvador Mbenzane, Secretário do Partido em Chivonguene e seu primeiro morador pois vivia no local onde estão as infra-estruturas antes da existência da aldeia comunal, afirma:

— O Centro de Comunicação Social vai ajudar a desenvolver a aldeia. Para isto basta que as pessoas que trabalham nele tenham consciência de que estão a servir a comunidade.

Texto de Noé Mate.  
Fotos de José Flores